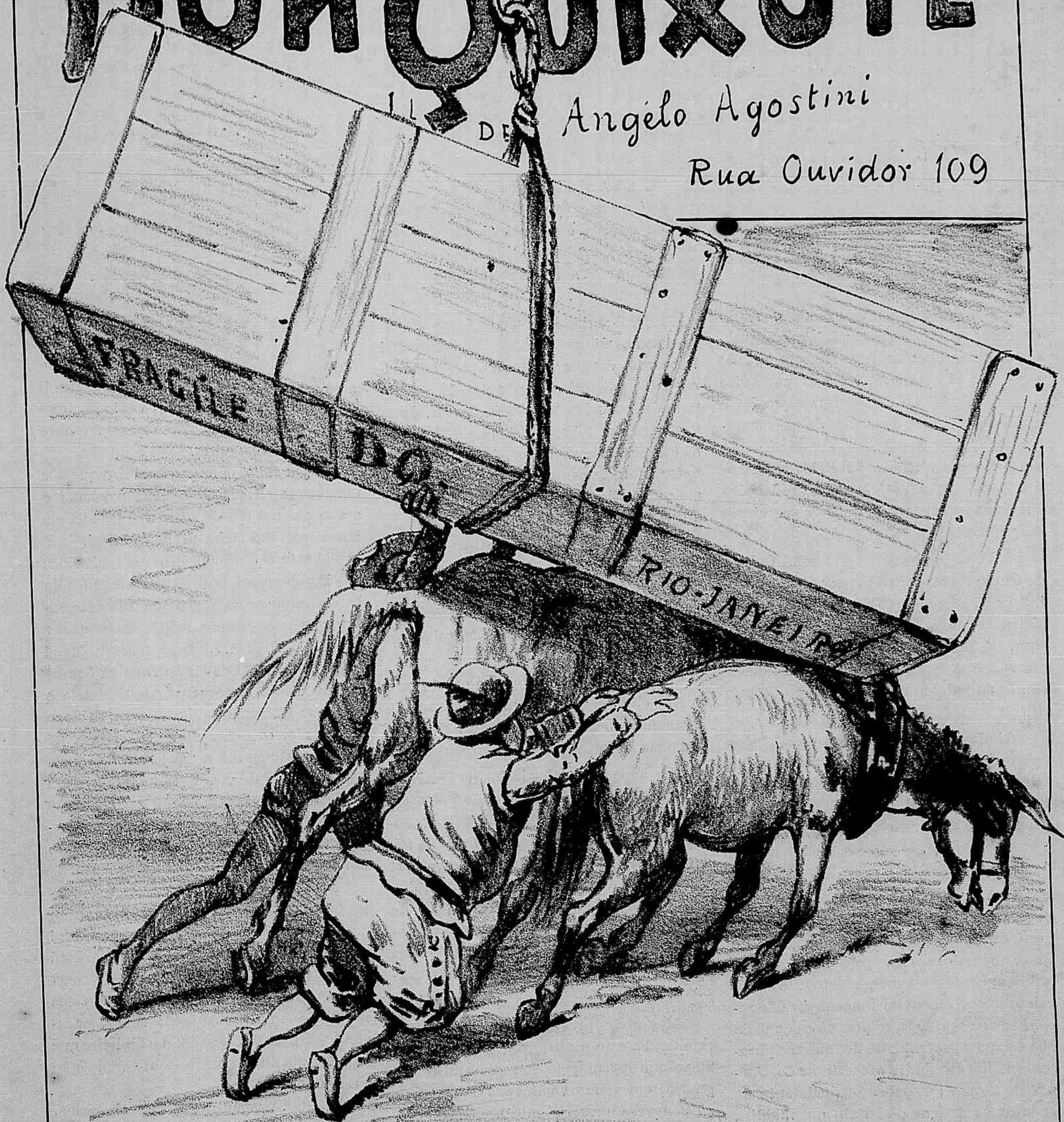


DON QUIXOTE

ILL. DE Angelo Agostini

Rua Ouvidor 109



uff!!!

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.....	25\$000	Anno.....	30\$000
Semestre	14\$000	Semestre	16\$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importancia das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

DON QUIXOTE

RIO, 11 DE JANEIRO DE 1895.

O RAMO DE OLIVEIRA

Já ninguém ignora que o Sr. marechal Bernardo Vasques, ministro da guerra, pretextando uma *interview* publicada pelo *Jornal do Brasil*, intimou por aviso ao general Galvão de Queiroz a que desse explicações sobre os termos da mesma *interview*, e fez timbre em que semelhante aviso tivesse a maior publicidade; mandou distribuir a noticia pelas redacções dos jornaes em envelope da secretaria da guerra.

Sabe-se tambem que o general Galvão de Queiroz respondeu por escripto a essa intimação, e que, logo em seguida, o ministro da guerra expediu uma celebre censura, de que a principio se quiz guardar segredo, mas que afinal veio ao conhecimento do publico nas columnas do *Diario Official*.

Ainda que até agora esperem todos pela exhibição do outro documento que falta, para mais completa informação, é licito discutir desde já semelhante aviso — censura, de rhetorica diluida, sem logica e sem bom senso.

O Sr. marechal Bernardo Vasques confessa que o illustre pacificador do Sul prestou no Rio Grande valiosissimos serviços, desempenhando a ardua missão de que o incumbira o Sr. presidente da Republica; confessa ainda, e isto é o mais celebre, que o general Innocencio não reconheceu como suas, e por consequencia não tomou a paternidade de todas as phrases que lhe attribuiu o escriptor do *Jornal do Brasil*; esquece-se finalmente de apontar os artigos de lei em que incidira o general, talvez por não encontrar na legislação a disposição regulamentar apropriada ao caso.

Deante d'isto parecia natural que a reprehensão não tivesse razão de ser. Pois bem. O Sr. ministro apesar de tudo

censurou o bravo general que acabava de escrever uma pagina gloriosa nos annaes da Republica, travando o carro fatidico da guerra civil rio-grandense, que por espaço de mais de dous annos inundara de sangue a terra dos *farrapos*.

Que significa pois este acto do ministro da guerra, e sobretudo sabendo-se que no mesmo dia o general Galvão, ao embarcar para a Bahia, recebeu do Sr. presidente da Republica uma carta cheia de expressões honrosissimas e de reconhecimento sincero dos serviços do seu delegado no Sul?

Só pôde significar que o Sr. secretario da Guerra pretendeu macular a gloria de seu collega e para isso não duvidou apartar-se da solidariedade que o seu cargo de confiança lhe impunha junto ao chefe do Estado.

Mas si assim é, como explicar a permanencia, no governo, do Sr. marechal Bernardo Vasques, notoriamente adverso ao plano patriotico da pacificação do Rio Grande, notoriamente ligado ao Dr. Julio Castilhos que foi em 1892 por elle posto na cadeira de governador, á força de baionetas, notoriamente ligado por laços de amizade intima com alguns dos procures do partido castilhista?

Quererá dizer que o illustre presidente da Republica, depois dos louros alcançados em Agosto de 1894, recua deante das exigencias de seu secretario jacobino ou das influencias dos intransigentes que o ameaçam?

Seria caso para cobrirmo-nos de luto deante de tamanha fraqueza. Felizmente os acontecimentos subsequentes parecem demonstrar que assim não é.

Os amigos e entusiastas do Dr. Julio de Castilhos, que haviam dado palmas e cantado hosannas de triumpho por occasião da retirada do general Galvão de Pelotas, insistiam pela nomeação do general Savaget para tomar o commando do 6º districto militar, e contavam com este de certo para proseguir nos desmandos e nas violencias, que ainda agora padecem os federalistas do Sul, mormente nas visinhanças da fronteira.

Mas o Sr. presidente da Republica, rejeitando este alvitre assim como a nomeação proposta pelo seu secretario da guerra, entregou o commando do districto ao general Cantuaria, militar dos mais dignos, severo, imparcial, estranho ás luctas e á politicagem do Rio Grande do Sul.

Eis o ramo de oliveira, que de novo desponta no horizonte. Seja bem vindo, e desannuvie-se o futuro d'aquelle glorioso Estado da Republica.

NEPHELIBATISMO

Patria! quem da anarchia e da Restauração
Te ha de salvar? Quem, lá do fundo de Sergipe,
Para evitar que o Prado (Eduardo) te destripe,
Correrá, voará?

— «Valladão! Valladão!»

Quem é o coronel, cuja reputação
Vae da foz do Uruguay á foz do Mississipe?
Patria! quem é maior do que o *Ataca-Felippe*
E do que o grão-Monroe?

— «Valladão! Valladão!»

Quem é o guarda fiel da Constituição?
Quem te defenderá, se te fizerem guerra?
Patria! quem é teu pae?

— «Valladão! Valladão!»

Quem é o teu apoio e a tua salvagão?
Quem é rei do Brasil? quem é rei d'esta terra?
— «Valladão! Valladão! Valladão! Valladão!»

PADRE O.

O ROUBO

E' assim a calunnia: mancha de azeite... Podeis esfregal-a á vontade, que não a apagareis jámais da reputação sobre a qual uma vez cahiu.

Quem foi o perverso boateiro que pôz um dia em circulação aquella perversa e asquerosa noticia de que a Intendencia Municipal não tinha dinheiro? Foi, naturalmente algum empregado despeitado...

Porque estes senhores empregados da Intendencia e da Prefeitura se convenceram, não sei como, de que deviam ser pagos... Pagos!... Que imbecilidade! Pagos, porque? O dever do cidadão é prestar gratuita e abnegadamente á Patria o concurso da sua intelligencia e da sua actividade, exigindo apenas, a titulo de remuneração moral, a gratidão das gerações que hão de vir. Essa gratidão, e um abraço de Werneck, já são recompensas capazes de encher de uma felicidade perpetua a alma de um fiscal ou a alma de um amanuense.

Hoje, porém, todo o mundo é incontentavel: os senhores empregados municipais queriam ser pagos... Forte desaforo!

Felizmente, a sorte do municipio está entregue a boas mãos. O nosso Werneck soube conter a ganancia dos empregados municipaes, não esbanjando com o pagamento dos seus ordenados um dinheiro que hoje é mais difficil de conquistar do que o reino do céu.

D'ahi o despeito dos funcionarios. Torceram o nariz, e vieram cá fóra clamar malignamente que a Intendencia estava arrebatada, que a Prefeitura estava na miseria, e que era mais facil encontrar cem mil réis no meu bolso, do que encontrar cinco tostões no bolso de Werneck. Infames calumnias! — Sim! mas ca-

lumnias que pegaram, e que ficaram sendo, para a intelligencia acanhada dos municipes, grandes e solidas verdades...

Mas a justiça de Deus não dorme.

Elle, o Alto Senhor do Universo, está sempre lá em cima com o olho álferta para as cousas da terra, decidido a não deixar passar camarão de mentira pelas malhas da rede da credulidade publica. A justiça de Deus não dorme!

Deus, na sua alta Sabedoria, escolheu um gatuno habil, e inspirou-lhe a ideia luminosissima de arrombar uma das muitas malas da Intendencia para de lá roubar a quantia gorda de cincoenta contos de réis.

Fez-se o roubo. E fez-se ao mesmo tempo a luz no espirito publico. Não mais direis, calumniadores perfidos, que o Supremo Conselho do Municipio não tem dinheiro! Não mais, sobre aquella Instituição Sagrada, á qual o povo carioca confiou em boa hora a honra da cidade e a bandeira de S. Sebastião, pairará o corvo feio d'essa mentira ignobil! A Intendencia tem dinheiro! a Prefeitura tem dinheiro!

Uivae na sombra, detractores sem pudor! Babae-vos na treva, intrigantes sem fé nem lei! Arrastae-vos no lodo, malvados assassinos das reputações alheias!

— Deus salvou os creditos comprometidos da Intendencia e da Prefeitura, mostrando que se ellas não pagam aos seus empregados, é porque não estão dispostas a desperdiçar assim um dinheiro que foi, unica e exclusivamente, feito para ser roubado!

FLAMINIO.

NOTICIARIO

A redacção do *D. Quixote* (assignaturas por anno 25\$000 rs. para a Capital, 30\$000 rs. para os Estados) passa sem novidade em sua importante saude.

O jacobinismo feroz tem-lhe feito essa concessão generosa.

Vão ser publicados em volume ricamente encadernado, de folhas douradas, e com o retrato do auctor na primeira pagina, os innumerables discursos pronunciados durante a finda sessão legislativa pelo illustre deputado por Pernambuco o sr. Luiz de Andrade.

Para esse fim foram expressamente contratados os typographos persas que todos os annos são encarregados de compôr os trabalhos da Academia dos Silenciosos.

Será uma coisa estupendamente admiravel!

O partido hemonrôidario, de que é chefe o *Paiz*, não podendo levar a cabo a estatua do seu idolo, Monrôe, pretende effectuar uma outra manifestação em sua honra, esta de mais facil execução.

Trata-se de um drama escripto *ad hoc* pelo barbeiro Nunes, representado pela companhia que celebrizou o *Burro de Carga* e posto em scena a capricho pelo senador Esteves Junior, que é jacobino e hemonrôidario convencido.

Terminará o espectáculo pela representação da farça antiga, mas hoje de actualidade — *O Lundú de Monró*.

N'esta tomará parte o Sr. Nilo Peçanha, sub chefe dos hemonrôidarios.

Bem o merece o Monrôe.

Consta de fonte fidedigna, — não vão pensar que a fonte é o Sr. deputado José Carlos — que o illustre prefeito do nosso districto pretende dissolver o conselho municipal, visto este em sua maioria fazer opposição ao mesmo Sr. prefeito.

E' que S. Ex. quando se refere áquelles intendentos chama-os dissolutos... e experimenta uma Lafoucheux de sua especial estimação.

A noticia tem visos de verdade, pois S. Ex. vê nos seus opposicionistas uma cousa semelhante a marinheiros revoltosos.

Segundo as ultimas estatisticas, o espiritismo tem a gloria de já haver feito tantas victimas no Brazil, como o famigerado positivismo.

Este creou e serviu á famosa Legalidade, que Deus haja; o seu collega espiritismo continúa a mandar d'esta para melhor os incautos que lhe cahem nas unhas.

E tudo com escalas pela rua do Conde d'Eu: na casa do Farias, ou na casa do Abalo!

Ficou durante o mez passado evidentemente provado que o *Paiz* é de facto o órgão de maior circulação... no Rio de Janeiro.

O *encalhe* foi tal que, a folha passando pelas mãos dos vendedores, passeiou incolume pelas ruas da cidade, e volveu intacta ao respectivo escriptorio, depois de haver circulado por toda a capital federal.

Não pôde haver maior circulação.

Por falta de melhores noticias aqui fazem ponto,

Os reporters

ESCENA & MONTRY.

CONSELHEIRO THOMAZ RIBEIRO

Deu-nos a honra de vir ao nosso escriptorio fazer as suas despedidas, o illustre poeta e fino diplomata, que em pouco tempo de estadia no Brazil, soube grangear um sem numero de sympathias e crear para o seu nome uma nova corrente de estima, já de ha muito estabelecida pelo meigo cantor das *flores d'alma*.

Em verdade o poeta do *D. Jayme* pôde dizer-se que foi escolhido a dedo, depois da ruptura temporaria da relações entre Portugal e Brazil: como Cezar, chegou, viu — ou antes: fallou — e venceu.

O conselheiro Thomaz Ribeiro volta a sua patria, seguro de haver conquistado

os corações dos brasileiros que com elle tiveram occasião de tratar. Acompanham-n'o os votos sinceros que por seu bem estar fazemos nós os do *D. Quixote*.

BELLAS ARTES

Da discussão nasce a luz; e esta é bem necessaria, pois que em materia de arte, mais ainda do que em outras cousas, andamos bastante ás escuras.

Infelizmente, nesta questão que diz respeito ao ensino artistico, não vemos, como seria para de-sejar, uma polemica tendo por fim melhora-lo, se é susceptivel de melhoramento, indicando este ou aquelle meio, ou tal ou qual systema. A razão é simples: — é que o ensino é bom e os que se dizem contrarios a elle, não conhecem outro melhor.

O que tem dado occasião a todo esse amontoado de mentiras não é a *reforma* introduzida pelo actual director, que entende dever a arte progredir e não ficar estacionaria, mas sim os *reformados* que encavacaram solemnemente por terem de ceder o seu logar de professores a outros mais jovens e mais competentes, que aprenderam na Europa a encarar a arte de um modo muito diverso do que elles.

A arte, assim como tudo neste mundo, tem suas evoluções e é preciso acompanhá-la. Já lá fôz o tempo da rotina e dos rotineiros.

O que diriam de nós, se ainda andassemos, como no tempo em que se formou a Academia das Bellas Artes, de jaqueta curta, sem gravata e de cartola?!

Além do grupo dos *reformados* ha o dos *despeitados*. Estes são os que a principio apoiaram, com todo o entusiasmo, a tal reforma do ensino, reconhecida como muito superior á primeira, e perfeitamente de accordo com a evolução que se nota em tudo que diz respeito á arte, á sciencia, ás lettras, etc., etc. Mas...

Eis ali onde o céu começou a escurecer. Grossas nuvens precursoras de grande tempestade levantaram-se no horizonte e em breve uma trovoadade de queixas e lamentações cahiu como saraivada sobre o actual director da Escola de Bellas Artes.

A sua reforma e os novos estatutos já não prestavam para nada!

A razão dessa mudança atmospherica no mundo artistico, eis-a:

O Bernardelli escolhera, entre os innumerables pretendentes ao professorado, os mais habilitados, aquelles que depois de terem gasto muitos fundilhos de calça nos bancos da mesma escola, se tinham aperfeiçoado na Europa, de onde acabavam de chegar, e mais aptos, portanto, a ensinar pelos systemas mais modernos. Vieram tambem alguns artistas estrangeiros dos mais notaveis, na falta de nacionaes.

Bernardelli, tendo consciencia de que tudo quanto tinha feito era em beneficio da Escola, nem sequer abriu o guarda-chuva para abrigar-se da saraivada de descompostura dos preteridos.

Equiparou a trovoadade destes com a que se faz nos theatros com folha de Flandres, e... deixou correr o marfim.

Desespero e furor por entre o grupo dos *despeitados* que juntou-se ao dos *reformados*!...

Houve logo grande conspiração e todos jura-



O carro, afinal, parou e delle apertamos-nos n'um estado deploravel! Andar de carro com tal calçamento... nunca mais!



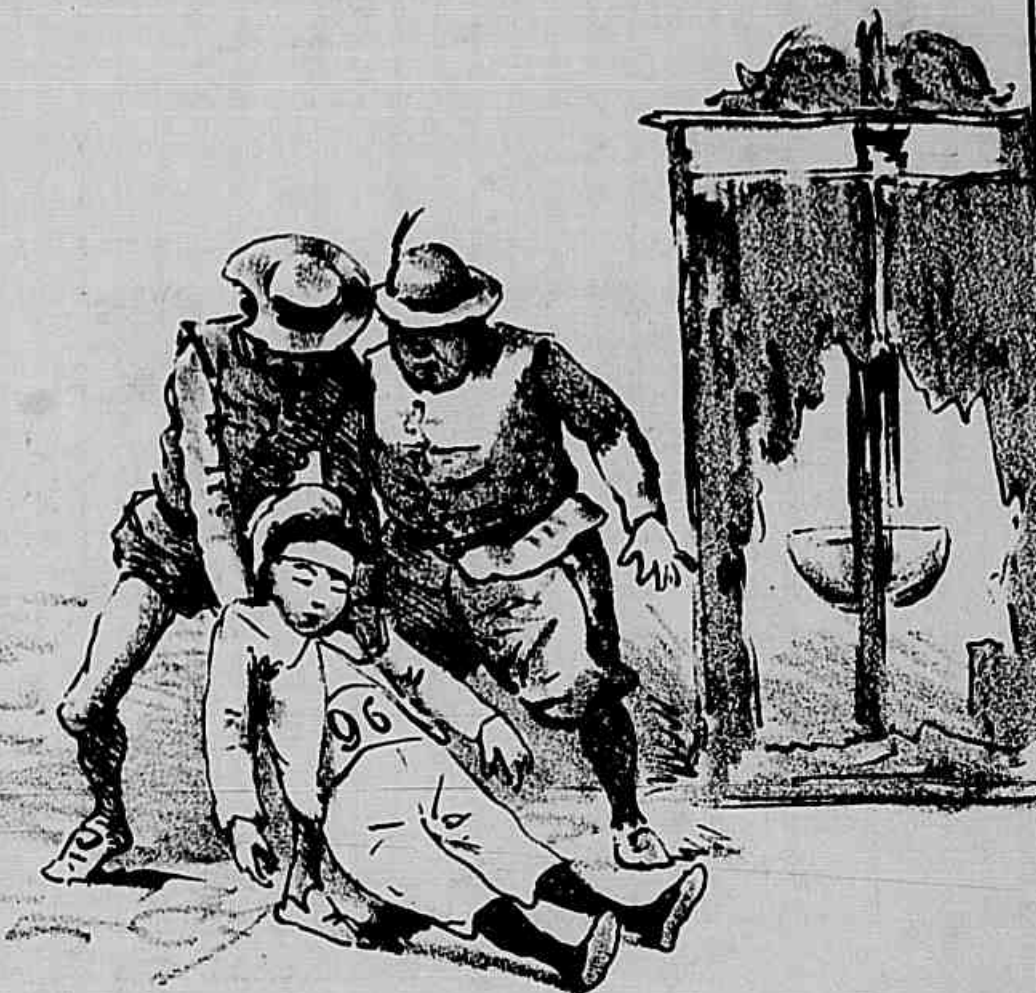
Apesar de horrivemente contusos, proseguimos o nosso caminhar, mas desta vez a pé.
96 - Hei-de acostumar-me. Que remedio!



96 - Desculpe-me Sr D. Que xote... Estou com vontade de...
D.Q. - De que?
S.P. - Ora está visto... O menino quer fazer pipi!



D.Q. - Como hade ser, Sancho? Conheço bem a cidade, mas muito pouco os mictorios.
S.P. - Homem! Ouvi dizer que ha um na rua Direita.



Lá chegando, o jovem 96 cahiu logo sem sentidos!
D.Q. - Será isto devido ao estado do mictorio ou a seu fedor?
S.P. - Com certeza a ambas as cousas.



O pobre 96 voltou a si e tambem voltou-lhe a vontade de...



Talamos de fazer com que 96 desse expansão a uma necessidade tão justa quanto natural. Um fiscal oppõe-se. D.Q. - Então elle hade fazer pipi nas calças?



S.P. - Só ha um meio... e é este.



S.P. - Que tal o mictorio?
96 - Na falta d'outro...



S.P. - E agora, o seu a seu dono!



E sem mais aquella, puxeram-se todos tres ao fresco



Passando pela rua do Ouvidor, uma gritaria, mais infernal ainda do que Lotérica, quasi nos ensurdeceu! - Ora vão berrar para o inferno! Vendam seus bilhetes mas não amolem!



96 - Será esta casa algum museu Zoológico? Só ouço fallar em camello, onça, gato, porco...
D.Q. - É o fogo dos bichos, hoje o principal negocio desta Capital.



96 - E aquella casa fechada?
S.P. - Também alli ha bichos e ferozes, que jogam contra a tranquillidade da Republica.
(Continua.)

ram dar cabo, não de Bernardelli (justiça lhes seja feita) mas da escola, da reforma e do seu *logar de director*.

Um compromisso solenne foi tomado debaixo de juramento. «Precisamos mostrar ao publico, ao paiz, ao mundo inteiro que somos nós os melhores artistas e é por meio de uma exposição das nossas obras que havemos de provar onde está a verdadeira arte: se na Escola, se comnosco!»

O dia 1º de Maio de cada anno foi o escolhido para esse grande certamen artistico.

E deitaram annuncio da grande exposição que devia ter lugar todos os annos no dia 1º de Maio.

E toda a imprensa applaudiu e nós também applaudimos, pois que só pelo trabalho é que os artistas devem tornar-se conhecidos do publico.

E' provavel que depois dessa sessão solenne e diante de tal compromisso, os artistas dissidentes, cheios de enthusiasmo e de amor á arte, pegassem nos seus pinceis, enchessem suas palletas de tinta e depois de escolherem a melhor tela.....!

Correram os annos de 1893-1894-1895.

Em todos elles ha um 1º de Maio, mas em nenhum 1º de Maio appareceu a menor exposição, nem o menor quadro dos grandes artistas reformadores da arte, dessa arte tão sacrificada pelo actual director da nossa Escola!

E nós todos á espera da tal exposição... até hoje!

Forçoso é confessar, neste caso, que os taes artistas conspiradores e reformadores da arte nacional... borraram a pintura!

Mas se estes não fizeram exposições, se não trabalharam, se limitaram-se unicamente a descompor o actual director e o seu systema de ensino, em compensação todos os annos tivemos uma exposição na Escola de Bellas-Artes, onde os que trabalham, dissidentes ou não, encontram bom acolhimento da parte do director, que expõe seus quadros sem se importar se é de amigo ou de inimigo d'elle ou da Escola.

Deste modo e graças á firme vontade do Bernardelli de fazer annualmente exposições, que outr'ora só se faziam de *dez em dez annos*, o publico póde julgar do progresso artistico que de anno para anno desenvolve-se cada vez mais entre nós.

Mas... como de «presumpção e agua benta cada um toma a que quer», um terceiro grupo, o dos *Encavacados*, juntou-se ao dos *Reformados* e *Despeitados*. São os que entendem de ser premiados com a grande medalha de ouro e que tiveram a pequena ou a de prata ou... coisa nenhuma.

Fraquezas da humanidade!

Dahi nova trovada de descomposturas contra o director, o seu systema de ensino, etc.

Eis a razão do apparecimento dos *Cosme* em critica d'arte e actualmente de um joven pintor de paisagem, cuja habilidade não contestamos, mas que está longe de ser um verdadeiro artista, pois nunca cursou escola alguma nem official nem particular, para poder, com competencia, fallar de assumptos dessa ordem.

Que elle não faça da pintura um estudo consciencioso, mas sim um commercio, está no seu direito; e desejo, visto elle seguir esse caminho, que venda muito quadro e faça muito negocio. Mas o que não posso vêr sem repugnancia, é elle servir de gato morto, atirado contra um homem como

Bernardelli, pelo grupo de todos esses despeitados e invejosos.

Em todo o caso prestou um grande serviço publicando os seus nomes.

Para concluir declaro que ninguem mais do que nós deseja o progresso artistico nesta nossa terra.

Não levamos a mal, nem estranhamos que haja um grupo de artistas contrários ao ensino official e que prescindam da Escola. A arte é livre e póde manifestar-se de qualquer modo, segundo a interpretação que qualquer artista lhe quer dar; seja pelo seu modo de vêr ou de sentir.

A base principal da arte é o estudo consciencioso da mesma, quer seja numa escola ou fóra della. O trabalho é, pois, o unico caminho a seguir.

Não é com a penna que os nossos artistas devem combater, é com os instrumentos de trabalho, apresentando suas obras, concorrendo assim todos para o nosso desenvolvimento artistico.

Que as exposições de 1º de Maio não fiquem em parola e se tornem em realidade é o que desejamos e lá estaremos para applaudir os que merecerem.

A. A.

P. S. — Os nossos leitores estão agora perfeitamente orientados sobre essa guerra injusta e parva que se tem movido contra o nosso primeiro artista nacional. Já sabem qual é a causa: a *inveja* e o *despeito*.

Ao nosso estimado collega do *Jornal do Commercio* declaramos que sentimos profundamente que as suas columnas tenham servido a tão injusta e calumniosa aggressão, contra um cavalleiro como é Rodolpho Bernardelli.

Se não combatemos todas as malevolas e mentirosas accusações contidas na secção *Bellas-Artes* é porque são assignadas pelo Sr. Antonio Parreiras e... esse senhor é tão pouco competente como o é quem o julgou competente para lhe entregar essa secção.

Ha uma especie de *camorra* que me parece querer entrar com pés de lã no seu proprio jornal e julgo do meu dever prevenil-o para que uma folha tão conceituada como é o *Jornal do Commercio* e dirigida por um cavalleiro a quem tanto estimamos, o dr. Rodrigues, não sirva mais de instrumento de vingança contra quem é merecedor da consideração de todos os brasileiros.

A.

O JOGO

Pelo que vemos a policia anda a dar caça ás casas de jogo... Guerra aos bichos, aos *book-makers*, aos que palpitam e aos que dão palpites. Pois sim: enquanto não fôr inteiramente reformada a organização policial, a guerra á jogatina será feita para inglez vêr... ilha da Trindade á parte.

O que ha de serio n'esse movimento contra o jogo, é a boa vontade do Sr. chefe de policia: fóra isso, tudo mais significa uma pommada em que ninguem crê mesmo porque, auctoridades ha por ahi que pela manhã fazem cerco ao *book-maker* e á tarde são *macaco*, são *cobra*, são *camello* e até são *boi*!

Se o Sr. chefe de policia quer a serio extinguir a jogatina não tem outra coisa a fazer, senão...

Hom' essa! Não é que iamos a ensinar o Padre Nosso ao Vigario?!

FELIX.

O sol voltou, depois d'estes monotonos dias de chuva... Que importa? está chovendo dentro de minh'alma, — triste, triste, triste como um cemiterio ao pôr do sol... Não cuideis que me acabrunhe a falta de dinheiro! Não cuideis que molestias varias e complicadas tenham desabado sobre o meu figado! Não cuideis que eu tenha hontem, ao entrar em casa, achado minha amante nos braços do meu mais fiel amigo! Não, almas curiosas! se estou triste, é porque já não ha sessões na Camara dos Deputados! Que quereis? aquillo era o meu consolo unico! Depois do café com leite do almogo, ia eu para alli dar á alma um banho de alegria.

E que alegria! Alli, n'aquelle desopilante recinto, a alegria tinha todos os tons, e corria toda a escala do bom humor, desde a alta risada de Rabelais até o riso escarminho de Voltaire, desde o comedido sorriso de um diplomata até o boçal desmandibulamento de um *clown*... Onde vos ides, agora, doces horas de ventura e de repouso, amaveis minutos, em que eu, alargando os suspensorios das calças e os suspensorios da alma, deixava-me alagar de uma onda larga de felicidade?

Nilo, que tem o bom humor sisudo, fazia-me rir moderadamente. Com que gravidade, com que circumspecção, com que seriedade dizia elle aquellas cousas profundas, mais ou menos *Vertenzas*, com que embasbacava o mundo!... Do teclado negro e branco da sua bocca, sahiam revoadas de palavras espantosas, que, exprimindo cousas buffas, conservavam contudo uma correcção de conselheiro Aca-cio ou de pharmaceutico Homais... E, quando elle acabava de fallar, dizia eu de mim para mim: — «Que conselheiro de Estado perdeu aqui o Imperio!...»

Glycerio, esse não me fazia rir: fazia-me sorrir. Ai! raposa! estava elle dizendo uma cousa, e estava eu percebendo, debaixo d'essa cousa, outras muitas cousas que a sua bocca não dizia. Dizia elle: «Fagamos economias!» e eu percebia: «Enriqueçamos os compadres!»

Dizia elle: «Sustentemos este governo!» e eu percebia: «Má raios partam o Prudente!».

E, quando elle acabava de fallar, dizia eu de mim para mim: «Que bello Tar-tufo perdeu aqui Molière!...»

Mas a minha grande delicia, o meu goso supremo, o meu sublime consolo—era José Carlos de Carvalho! Esse sim! Não tinha meias medidas. Apresentava-se no recinto vestido a caracter, com a face coberta de alvaiade, as pantalonas largas cheias de guizos, os labios grossos, pintados a vermelhão, transbordando chalaças de lei, larachas formidaveis, capazes de fazer rir um morto no fundo da cova.

E contava casos, e dava cambalhotas, e furava arcos de papel, e rebolecava-se no pó da sala, e dava piparotes no nariz do presidente, e careteava, e guinchava, e sapateava, e saracoteava, e contorceia-se, e desarticulava-se. E, quando elle, suado e offegante, cahia derreado na cadeira, dizia eu, de mim para mim: «Que bom auxiliar perdeu aqui Frank Brown!»

Ai! tardes de nunca sabida ventura! Onde vos ides agora, doces horas de alegria e goso, amaveis minutos, encantadores segundos, ineffaveis instantes que eu passava no seio adoravel da Cadeia Velha?!

Ai de mim! o sol voltou, depois d'estes monotonos dias de chuva... Que importa? está chovendo dentro da minha alma, — triste, triste, triste, como um cemiterio ao pôr do sol... JOÃO DA EGA.

A SEMANA

Na casa (*sic*) de Correção,
— Diz nossa imprensa n'um libello —
Reina uma vara de marmello
Que aos presos chucros dá lieção.
Vejo que a imprensa só por mal
E' que insinúa tal censura...
Pois, porque não, varada dura,
Se é que alli reina um Temporal?

Ha pouco ainda, aquella casa,
— Palacio da Legalidade —
Era peor, é bem verdade!
Se o coronel de Rompe e Arrasa,
O Aureliano de Faria.
Poupava aos presos a pancada,
Lhes dava o inferno todo o dia...
— E o Temporal dá... marmellada!

Corrigir presos com varadas
De tenro e ductil marmelleiro.
E' caso, não para berreiro:
Dá-lh'as muitas e bem puchadas,
Oh! forte Torres Temporal!
Uma varada não faz mal,
Quando applicada com bom geito...
Mais uma duzia de lambadas.
— Tu és um Temporal Desfeito.

O' musa! Sê pacata e comedida;
No caso da censura é bom não casques...
E' força que respeites a medida
Disciplinar do grão Bernardo Vasques.

Não foi bernardice,
Nem foi calinada,
Foi uma tolice?
Não foi... Não foi nada!

No mesmo dia e ao mesmo seu collega.
Louvou e censurou... Musa, não lasques
Um riso a tal respeito! Ai! se te péga
O grande marechal Bernardo Vasques!...

Não foi calinada,
Nem mesmo tolice...
Foi cousa de nada;
— Nem foi bernardice!

Se tens um elogio recolhido,
Musa, coragem! Falla! Sim, não masques...
Diz: « Viva o castilhisto decidido,
Ministro e marechal Bernardo Vasques! »

Assim não ha nada,
Não fazes tolice,
Se fôr calinada...

Tens respondido a uma bernardice.

Dois doutores e duas companhias
Andam luctando em plena Exposição.
Velas de cebo — a causa de arrelhas,
Por isso briga o Ottoni c'o Brandão.

De sua parte diz a Stearina
Que tem velas de cebo da contraria.
Que provam bem e quanto a sorte é varia,
E até onde a Stearica é mofina...

Protesta a Stearica. E assume
O caso uma feição que não percebo:
Em tal questão taes velas nem dão lume,
E o caso mais embrulham... Ora cebo!

Mas, felizmente,
O presidente
Da Exposição,
Já foi chamado
E bravo, ousado,
A tal questão
Vem deslindar.
Ai! minhas gente!
Perigo ingente
Anda no ar!

Pensam que não?
Forte illusão!

Brasil amado! N'este peito amigo.
Os teus terrores e teus ais recebo...
Não te derretas — vê o que te digo! —
Ante a questão das taes velas de cebo.

Essa questão é séria, é importante,
Mas d'ella vai tratar homem ladino.
Onco chamar—e louvo o grito errante:
— Vem cá, Vitú... Vem Manel Victorino!

F. MENDES.

THEATROS

Estreou esta semana no theatro fluminense, o Sr. Dr. Gonçalves Ferreira, galã da justiça e do jacobinismo, na tragedia *Processem o jornal Brasil*, cujo enredo é: « o povo deve procurar até por meios violentos restaurar a monarchia. »

O Sr. Gonçalves Ferreira tem habilitade para a scena e parece que tem interesse em fazer *rêclame* para a sua estreia e para um jornal de cuja existencia ninguém cogitava... Vamos escrever aos Drs. João Mendes e Eduardo Prado, perguntando qual o numero de ordem na matricula dos monarchistas, occupado pelo nosso ineffavel galã do interior e da justiça.

S. Ex., que assim annuncia e pomposamente o anemico arauto das idéas restauradoras, e a sua estrêa, lá terá suas razões para isso... E em todo o caso, convem sabermos a quantas andamos: o Sr. Gonçalves Ferreira tem ou não interesse em fazer *rêclame* ao *Brasil*?

Se tem, olhe lá: nós também podemos entrar num ajuste e estamos dispostos a comprar um bilhete de entrada para o seu theatrinho...

Outra peça nova e de actualidade, é a farça *Guerra aos bichos*, muito bem representada pela *troupe* que occupa o maior theatro da rua do Lavradio.

O diabo é que os artistas não estavam bem ensaiados. Os bichos continuam a representar muito commodamente, e a princeza Jogatina não sai de scena nem um instante.

A peça cai.

No theatrinho da Intendencia Municipal subiu a scena a zarzuella *Abaixo o prefeito*. Foi applaudida na primeira representação; mas quando repetida, percebeu o publico que havia sido illudido, pois os artistas, *entendentes* do officio, terminaram a pachuchada gritando: *Viva a prefeitura!*

Cahi a peça.

O Sr. Dr. André Cavalcanti, escriptor dramatico reputado, levou a scena o drama — *Castigo de delegados*.

O enredo é simples: um delegado da primeira (da primeira qualidade) mostrou que não servia para o cargo; e vai então, e o chefe rebaixa-o á decima-setima (17ª qualidade.) O publico pateou — e com razão; pois o auctor devia ter percebido que um actor que não serve n'um palco, também não pôde servir n'outro, visto que a questão não é de transferencia mas de habilitações.

A peça rodou.

Nos outros theatros... isso mesmo.
Isto é: dizem que o *Burro de Carga* arriou a carga, e que a *Mascotte* representa-se ao mesmo tempo em hespanhol e em portuguez.

Em portuguez? Talvez não seja no Apollo.

TONY.

A NOSSA ESTANTE

Recebemos e agradecemos:

MUSICAS: *Pequelita*, valsa de D. Francisca Lago Reis; *Francisca Gonzaga*, polka de Arthur de Lemos; *Eden*, valsa de Julio Reis; — edições da casa I. Bevilacqua & Comp.; *Porque te esquivas?* valsa por D. Sarah Borges, editada pela casa Vieira Machado & Comp.; *Bibinha, meu bem!* tango de A. Loiola, impresso pela casa Buschmann & Guimarães.

LEQUES, em numero de oito, da casa Barros Araujo & Companhia, cuja lembrança, n'este tempo de formidavel calor, foi recebida com especial agrado.

CARTEIRAS, (duas) da casa Mello & Françoys, ambas muito chics.

PHOSPHATINA FALLIÈRES, algumas amostras d'esse excellente preparado nutritivo, enviadas pela acreditada drogaria J. B. A. Petit.

FOLHINHAS: bellos chromos da fabrica de massas alimenticias Simonard & Afflictos; um lindo chromo, uma de parede e uma para escriptorio da casa Leuzinger & Irmãos; um interessante cão e um não menos interessante gato, engenhosa factura da casa Castella & Comp.; esplendido chromo da fabrica de carimbos de borracha, galvanoplastia e zincographia de J. Luiz Cardoso; idem da casa *Ao Trianon*; idem da casa Freitas Brandão & Companhia; varios chromos da Companhia Educadora; um muito delicado, annunciando a magnesia fluida de Freire de Aguiar; o da casa de chapéus de sol de Costa, Soveral & Comp., e uma duzia (!) annuncio da Phosphatina Fallières. Bellissimas da casa Ferdinando e Guimarães, cujo bom gosto não se discute mais. Idem de Jeronymo Silva; da Agave Americana; Photographia Americana; Almeida Marques; Livraria D. Gunoud; Mendes Marques. Um diluvio de folhinhas!

ANNUARIO MEDICO E BRAZILEIRO, Dr. Carlos Costa, nono anno, 1824.

GYMNASTIO DE S. PAULO, Programmas do ensino de suas cadeiras.

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL DE 1895, Guia geral para os visitantes.

CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO DAS CONDIÇÕES PATHOGENICAS DA ALBUMINURIA GRAVIDICA (da velocidade da onda sanguinea), pelo Dr. Rodrigues dos Santos.

REVISTA PEDAGOGICA, n.º 46, anno VI, tomo VIII, 1895.

REVISTA MINEIRA, Juiz de Fóra, fascicullo n.º 2, anno I.

Nota. O accumulo de materia obriga-nos a estas noticias succintas; em numeros subsequentes fallaremos de alguns dos livros mencionados resumidamente nesta secção.

Officinas de obras do JORNAL DO BRASIL



- 96 - Que diabo de bicho é este que escangalha tudo!?
- D.Q. - É criação dos jacobinos, ultimamente oferecida ao Commercio.
- S.P. - Que deve estar satisfeitissimo.

(Continua)